

O ESTAR-JUNTO NAS PÁGINAS DE *SOU MAIS EU*: ENCENANDO EXPERIÊNCIAS E IDENTIDADES

Patrícia Monteiro Cruz

Jornalista. Especialista em Teorias do Texto. Mestranda do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Bolsista Capes. E-mail: patricia.monteiro@yahoo.com.br

Resumo

Este ensaio aborda as relações entre o cotidiano, a mídia e o discurso na sociedade contemporânea. Com a proposta de investigar a representação de identidades femininas no jornalismo impresso, buscamos perceber de que forma são construídos os laços de identificação entre as leitoras da revista *Sou mais eu*. A reflexão sobre o cotidiano, seus conceitos e categorias, bem como sua presença na mídia, constitui um importante modo de apreender os significados das experiências sociais.

Palavras-chave: Cotidiano. Mídia. Discurso. Identidade.

Abstract

This text discusses the relationship between everyday, the media and the discourse in contemporary society. It proposes to investigate the woman's identify representation in printed journal, find to percept how are build the identification's ties between the readers of the magazine *Sou mais eu*. The reflection about the everyday life, its concepts and categories, as its presence in the media, is an important way to seize the socials experiences.

Keywords: Everyday life. Media. Discourse. Identity.

1. Apresentação

Impregnado de uma lógica do instante, o fazer comunicacional motiva a sociedade a viver uma temporalidade própria, acessando suas experiências diárias na compressão do espaço e do tempo. O potencial de inclusividade e penetrabilidade da mídia no cotidiano altera o modo como as pessoas se relacionam e tornam comuns suas experiências de vida.

O conceito de cotidiano torna-se fundamental para compreendermos as socialidades postas em funcionamento na mídia e deve prescindir de uma análise sobre as interações dos sujeitos, os modos como se apresentam no espaço público e de que forma essa representação incide na sociedade.

À luz das reflexões esboçadas por Michel Maffesoli, partimos do entendimento de que percorrer as tramas da vida cotidiana requer uma atitude compreensiva em que a forma, e não o objeto, é constitutivo de sentido nas interações sociais. Nesse procedimento de análise, é mais importante insinuar do que conceituar e demonstrar do que explicar.

2. Ampliando sentidos: o cotidiano como rota de investigação

No exercício de refletir sobre o cotidiano é preciso questionar raciocínios que o reduzam às formulações consensuais, visto que o cotidiano ocupa-se da complexidade da vida e das riquezas do tecido social. A pesquisa do cotidiano requer um deslocar-se do pesquisador em direção ao objeto de estudo, penetrando nos fios que tecem a existência a fim de revelar a complexidade do visível e a profundidade das aparências, porque neles se localizam as micro-relações entre os sujeitos.

Nome de referência na Sociologia do Cotidiano, Maffesoli percebe o cotidiano como uma via de acesso a novos procedimentos de investigação sobre a socialidade. Na contramão de uma visão positivista que enquadraria o cotidiano a categorias fixas, alienando a complexidade da vida com racionalismos simplistas, para este autor, as Ciências Sociais não devem se limitar a conceitos e teorias já consolidados.

Maffesoli prefere utilizar o termo “estilo” quando se trata da tarefa de propor definições para o cotidiano:

O cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos, utilizar na arena intelectual. É um estilo no sentido de [...] algo abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...]

o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma “encarnação” ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e de agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (MAFESSOLI, 1995, p. 64).

Para Maffesoli, o estilo do cotidiano é atravessado pelo aleatório, visto que expõe a fragilidade e a constante mudança de escolhas, posicionamentos e identidades dos sujeitos. Os ideais e as escolhas ora são confirmados ora postos em xeque conforme se alteram as representações do indivíduo frente aos outros. Ao falarmos em representação adentramos em outro termo que caracteriza o cotidiano: a aparência.

A aparência, também compreendida como “encenação”, aparece como essência da sociedade para uma teoria do cotidiano. Maffesoli utiliza a figura do teatro para expor a idéia de que a teatralidade se apresenta como um modo de inserção em tribos (novas formas de agrupamentos sociais), mediante a encenação. “Existe teatralidade porque existe contradição, [...] a teatralidade é uma astúcia que assegura a perduração social” (2001, p. 187).

Pode-se sugerir, portanto, que a teatralidade é constitutiva da socialidade, visto que os jogos de representação são meios de assegurar as pluralidades de experiências do viver cotidiano.

Com clareza didática, Wellington Pereira (2007) define três aspectos que constituem a vida cotidiana: o mundo da vida, a vida cotidiana e a cotidianidade. O mundo da vida, numa leitura schutziana, perpassa os significados compartilhados entre as pessoas, e sobre os quais se assentam as vivências sociais tornando possível a comunicação.

Pereira lembra que, num primeiro momento, o termo vida cotidiana remetia às condições de vida dos trabalhadores e do modo de produção capitalista. Ao discorrer sobre a vida cotidiana, Schutz (*apud* CORREIA, 2005) atesta que ela é o campo onde se localizam as mediações entre os indivíduos e esta comunicação é essencial para se compreender as estruturas simbólicas constitutivas do social.

Pais (2003) observa que o conceito de vida cotidiana é tido como “superficial”, no entanto, a superficialidade é antes uma situação do que uma qualidade, cabendo à sociologia do cotidiano encontrar possibilidades em meio às superfícies, visto que a vida cotidiana oferece o substrato para se compreender a teia social.

Featherstone percebe que existem diversos conceitos que se opõem à vida cotidiana, entre os quais, o de vida heróica. “O mundo cotidiano é aquele do qual o herói se desprende, deixando para trás a esfera dos cuidados e da manutenção [...] o contraste básico, portanto, é

que a vida heróica é a esfera do perigo, da violência, do risco que se corre, enquanto a vida cotidiana é a esfera das mulheres, da reprodução e dos cuidados” (1997, p. 87).

Ao pensar a cotidianidade, Pereira a situa como modo de adjetivar os procedimentos da vida cotidiana. A idéia de cotidianidade, no entender de Pais, se assemelha à de rotina, “expressa o hábito de fazer as coisas sempre à mesma maneira, por recurso a práticas constantemente adversas à inovação” (2003, p. 28). É possível, portanto, relacionar a cotidianidade às distintas manifestações e expressões de cada grupo no ambiente social.

Podemos depreender que, para se pensar uma sociologia do cotidiano, é importante traçar uma zona de encontro entre a rotina e as estratégias de rompê-la, enxergando-a para além das repetições que se prolongam dia após dia. O percurso metodológico do cotidiano encontra mecanismos de releitura do real longe de normas e categorias cientificamente comprovadas, pois a “alma da sociologia do cotidiano não está nos fatos [...] está no modo como os interroga e os revela” (Idem, p. 32).

Para uma leitura compreensiva da vida cotidiana é preciso ocupar-se em desvendar os meandros da existência no que ela tem de tácita e explícita; envolvente e desafiadora, uma proposta que prescinde de uma corrente teórica capaz de apontar caminhos em meio às curvas, retas e encruzilhadas das experiências de cada um de nós.

3. No jogo das formas, as nuances das aparências

O formismo, no entender de Maffesoli, é uma corrente eficaz para dar conta da sociologia do cotidiano. Em nosso desafio de investigar a vida de todos os dias, nos valemos dessa linha teórica como percurso metodológico que melhor define nosso objeto de estudo. Antes de tratar do objeto, nos debruçaremos sobre as características do formismo sociológico.

Maffesoli propõe o termo formismo para se referir a “certo enquadramento que permite pôr em relevo características da vida social sem deformá-la em demasia” (2007, p. 109). Em seu entendimento, a forma é capaz de apreender as aparências do social que seriam eliminadas em uma análise meramente objetiva ou racional. Para este autor, o conceito exclui, porque enquadra e impõe normas e padrões, enquanto a forma agrega.

O formismo opõe-se a um formalismo conceitual que busca atribuir significado exato às situações cotidianas e a uma cientificidade que elimine os traços mais subterrâneos da vida, configurando primazia aos aspectos relegados ao esquecimento.

O formalismo conceitual se empenha em conferir sentido a tudo que se observa; assim, dá razões e submete à razão – ao passo que o formismo se contenta em delinear grandes configurações que englobam, sem os reduzir, valores plurais e às vezes antagônicos da vida corrente (Idem, p.117).

O formismo põe à tona a valorização do todo sobre as partes, uma visão holística do mundo. Recusando-se a preterir um determinado elemento sobre o outro, configura importância à globalidade, por entender que a continuidade da existência é assegurada pela relação entre os movimentos contrários: ordem e desordem, funcionamento e disfunção, rotina e ruptura. Nesse sentido, é possível perceber as formas que compõem as estruturas sociais, pois elas oferecem o substrato que mantém, desloca e organiza a trama societal.

A corrente formista se propõe a observar o cotidiano como forma e não como objeto. A investigação dos formistas não está determinada pelo modo como um objeto social é, mas pela forma como se dá a conhecer (PAIS, 2003). Nesse sentido, a aparência desponta como modo de apresentação das pessoas e o espaço social é demarcado mais pela representação do que pela essência.

De acordo com Maffesoli, todos os domínios da vida social são “contaminados” pelo jogo das formas, que põe em relevo o parecer em detrimento do ser. No “parecer” consiste o “pluralismo da existência”, por isso ele não pode ser descartado. É na valorização da aparência como constitutiva dos indivíduos e das experiências sociais que a teatralidade ganha sentido e eficácia. A ambição do formismo se resume ao seguinte entendimento: “não é o que um objeto social é, senão a maneira pela qual *se apresenta*, que pode guiar a investigação” (2007, p. 125).

Na visão dos formistas o cotidiano é tecido como fantasia e, nesse sentido, “o que se designa por real ou social é uma condensação de instantes efêmeros que não podem ser dirigidos ou planejados, porque, fugindo à realidade, são fruto de uma apreensão impressionista” (PAIS, 2003, p.90). Também no jornalismo, o acontecimento é construído por meio do que *parece ser*, visto que a notícia não é a realidade, mas a sua representação.

Para construir referenciais de verdade e credibilidade, o discurso jornalístico apóia-se em recursos como a polifonia. No entanto, as vozes que aparecem na mídia são performadas cotidianamente. A mídia define a posição dos sujeitos e eles representam papéis. A própria divisão de tarefas em uma redação demonstra essa encenação.

Para Silverstone, vivemos num mundo permeado pela mídia em que a aparência é realidade. Precisamos de bastidores, do público e de palcos: “palcos em que o que fazemos é

para mostrar, para impressionar os outros e definir e manter nosso senso de nós mesmos, um senso de identidade; palcos que, por sua vez, dependem de bastidores onde, fora da visão de nossa audiência, podemos preparar a maquiagem, a transformação” (2005, p. 132).

Na mídia, como nas estruturas da sociedade, os jogos de representação são meios de assegurar a convergência de diferentes identidades e a interação dos sujeitos a partir de um projeto comum de retorno ao ideal comunitário, conforme veremos a seguir na abordagem de nosso objeto de estudo.

4. O estar-junto nas páginas de *Sou mais eu*

A lógica da exibição delineada no viver diário é representada e potencializada pela mídia. Nesses tempos em que as interações sociais ocorrem no espaço e tempo midiáticos, refletir sobre as identidades femininas construídas pelo jornalismo como expressão de um desejo de estar-junto aponta a interface entre os fluidos laços de identificação e os rituais constitutivos da existência cotidiana.

Nosso objeto de estudo, a revista feminina *Sou mais eu* se nutre das vivências cotidianas das leitoras para extrair o material noticioso que dá origem a cada edição semanal. Por outro lado, o leitor-alvo se vale das representações veiculadas na publicação da Editora Abril para construir suas experiências sociais no espaço público. Diante dessa suposta relação de interação, criam-se vínculos entre o leitor e a revista, que se diz baseada na interatividade e no relacionamento.

Ao nos debruçarmos sobre o referido objeto, nos valem dos pressupostos teóricos do jornalismo, da sociologia do cotidiano com base em Maffesoli, e da análise do discurso de linha francesa. Nesse estudo de natureza interdisciplinar, pretendemos investigar como as identidades femininas são construídas – e constituídas - na mídia ao fornecer espaço para que as leitoras compartilhem suas histórias de vida e, por meio disso, estabeleçam possibilidades de relacionamento.

Em *Sou mais eu* a identificação das leitoras não é com celebridades já consolidadas, mas com “pessoas comuns” que compartilham o mesmo desejo de projeção social. Partimos da idéia de que, para a leitora, ver sua imagem na capa da revista e publicar no espaço público experiências de sua intimidade são modos de tornar real o anseio de se destacar e de encontrar com seus pares. A revista é o palco onde a mulher se manifesta e, portanto, passa a existir

socialmente, por meio da aparência. Nesse sentido, conforme exposto anteriormente, a corrente formista é a que melhor fornece subsídios teóricos ao nosso objeto de estudo.

Maffesoli chama de “tribos” os microgrupos que se associam na pós-modernidade. Nesses agrupamentos, valoriza-se o papel que cada pessoa desempenha. Enquanto a lógica individualista se apóia em uma identidade fechada em si mesma, a condição de existência das pessoas na cultura atual é a relação com o outro. “O essencial é fazer sobressair algumas formas, talvez irreais, mas que possam permitir a compreensão, no sentido forte do termo, dessa multiplicidade de situações, de experiências, de ações lógicas e não lógicas que constituem a socialidade” (2006, p. 32).

A variedade de máscaras que os sujeitos utilizam para compor seus papéis na direção de outros sujeitos motiva um sentimento de “viver em comum”. A cultura pós-moderna superou um período de individuação, em que substituiu-se o “social racionalizado por uma socialidade com dominante empática” (Idem, p. 39). É essa tendência que nos propomos a investigar em nosso objeto de estudo, percebendo a revista *Sou mais eu* como espaço de socialidade.

As matérias de *Sou mais eu* evidenciam normalizações sobre o ser-mulher, construindo saberes e verdades, como o ideal de corpo esguio, de felicidade via relacionamento amoroso e da obtenção do sucesso mediante o reforço da auto-estima e da visibilidade social. Ao padronizar determinados estilos e comportamentos, a revista impõe estratégias de modelagem da identidade conforme se modificam as representações dos papéis desempenhados pelas leitoras, reforçando a idéia de que “a concepção da vida cotidiana que aparece nos textos jornalísticos é demonstrada de forma linear, como se os conflitos e desejos fossem unívocos em segmentos sociais distintos” (PEREIRA, 2002, p. 74).

O leitor-personagem dos discursos jornalísticos constrói, por meio da publicação, fantasias, impressões e uma rede de aparências. O empenho da revista, como palco onde as pessoas podem exibir suas máscaras e manejar suas identidades múltiplas, é o de tornar visíveis essas aparências enquanto o sujeito delinea sua trajetória no sentido de estar-junto.

Em nosso estudo, ainda em andamento, os procedimentos metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa ajudam a localizar as condições de produção dos enunciadores, os efeitos de sentidos construídos pela linguagem e a vinculação desta aos supostos interesses da publicação (ORLANDI, 1999).

Existe um conhecimento empírico no viver diário que não pode ser ignorado. No que se refere à vida cotidiana, pensar uma sociologia da mídia a partir da leitura do cotidiano, consiste em dar atenção à anomalia, à monstruosidade, às aparências, mas também ao sublime e ao simples num permanente encontro entre objetividade e subjetividade. No diálogo entre o jornalismo e o discurso, o cotidiano é o solo onde se assentam os processos de interação à medida que o meio, como instrumento de comunicação, torna possíveis as trocas sociais.

5. Ensaando considerações finais

Mesmo sem fazer demasiado uso da palavra comunicação, ela aparece como que submersa na obra e no pensamento teórico de Michel Maffesoli. Isso se verifica ao propor uma sociologia compreensiva em que o sentido das ações dos sujeitos é o desejo de estabelecer vínculos, comungar experiências e estar em sintonia, ou seja, um sentimento primário e intrínseco à condição humana: a comunicação.

É preciso reconhecer, portanto, que a pesquisa em comunicação prescinde de um olhar empático sobre o cotidiano, extraindo dele a perspectiva de traçar novos horizontes de sentido ao compreender as aparências como fenômenos sociais dotados de riqueza e significado. O pesquisador que decide enveredar pelas teias do cotidiano deve recorrer a categorias de análise voltadas para a existência em sua totalidade, na tentativa de ressaltar toda a carga de experiência que reside nas dimensões do presente.

A atividade de pesquisa “*Sou mais eu: um estudo sobre os processos de subjetivação feminina na mídia impressa*” se dispõe a participar do debate sobre o papel e a representação da mídia no cotidiano. Nesse caminho, nos propomos a perceber as estratégias midiáticas postas em funcionamento na e pela revista, com o intuito de promover trocas simbólicas entre os sujeitos que se evidenciam no discurso.

Referências

CORREIA, João Carlos. **A teoria da Comunicação de Alfred Schultz**, Lisboa: Livros Horizontes, 2005.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Arte Ofícios, 1995.

_____. **A conquista do presente: por uma sociologia da vida cotidiana**. Natal: Argos, 2001.

_____. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **O conhecimento comum:** introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso:** princípios de procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana:** enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PEREIRA, Wellington. **O beijo da noiva mecânica:** ensaios sobre mídia e cotidiano. João Pessoa, Manufatura, 2002.

_____. A comunicação e a cultura no cotidiano. In: **Revista Famecos.** Porto Alegre, nº 32, abril, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.